

## Marlene

Uma que eu conheci se chamava Marlene e era preta, de radiosa carapinha, o que bastante me intrigava, pois desde muito outrora firmei a arbitrária convicção de que as Marlenes deveriam ser compulsoriamente louras, provável influência da Dietrich, o famoso anjo azul do cinema.

E era trêfega, má cumpridora do dever, apresentada, mas muito boa de natureza, fácil no trato, alegre, andeja, doida por um recado, detestava permanecer em casa muito tempo, odiava cozinha, amava particularmente o rádio — as novelas sobretudo, que faziam seu fraco principal. Já agora evoluiu para as novelas de televisão.

Disse principal, porque tinha outros fracos, era escuta-deira de assuntos que não lhe diziam respeito, mentirosa, novidadeira, chegada a namoro em becos penumbrentos e chorona: não podia acontecer nada que a contrariasse, as lágrimas lhe ocorriam copiosas e rápidas, em cima do preto brilhante.

Era natural de Meruoca e desceu a serra numa bo-léia de caminhão, marchou sobre Fortaleza perseguindo um ideal — o de comprar um rádio portátil, e bem — queria tanto a sua montanha que quando sentia cheiro de chuva, quando o tempo ficava mais frio, Marlene chorava saudades, chorava como criança, choro alto e longo, de acento penoso, constrangedor e trágico. E nos intervalos dos so-

luços que ainda seguiam intermitentes por muito tempo, depois que o pranto propriamente dito cessava, Marlene declarava que só não ia embora naquele mesmo instante porque não tinha comprado o diabo do rádio. Sofria o exílio que se tinha imposto, mas não desistia do seu sonho particular, cultivado com estima especial.

Tinha razão nas duas coisas, diga-se de passagem, razão principalmente nas saudades, porque eu também sofro saudades da Meruoca e nem nasci lá. Mas lembro com uma ternura que não se gasta nem se cansa, as férias de fim-de-ano que a gente gozava lá em cima e ainda guardo a beleza da vida, onde se tinha a impressão de que pecado não medrava — era tudo tão puro, tão ameno, tão protegido por aquela igreja grande e linda, bem plantada, numa bênção constante, modelada num estilo que não me lembro mais se era colonial puro; guardo apenas que era seu tanto nobre, tinha janelas internas laterais com balcões de madeira pintados de branco em talha dourada (lá chamavam tribunas), de onde as famílias mais gradas assistiam os sagrados ofícios.

Não sei por que, eu tinha sempre a impressão, quando era menino, que, de repente, numa daquelas janelas, ia aparecer Dom Pedro I com a sua Domitila e causar aquele escândalo da capela real, que eu lera num livro que me fora proibido. Talvez o fato de ter lido o episódio às ocultas tenha contribuído para aumentar a impressão de que só eu que sabia do caso e que portanto só eu poderia esperar aquela aparição sensacional.

Mas voltando à Marlene — um dia perguntei à patroa (que era quem, com muita graça, me falava dos cacotes e espertezas e doideiras e sonhos e amores e desamores da empregada) porque não comprava logo o rádio da moça — era tão fácil fazê-la feliz, quando a felicidade estava tão perto, dependia apenas de um pouco de dinheiro que não lhe faria falta. A patroa retrucou, bastante ofendida, considerando a idéia das mais primá-

rias e infelizes: — Eu estou doida? Ela vai comprar daqui a uns tempos e assim mesmo à prestação, que eu não quero perder a babá das crianças.

Esqueci de dizer que escolhera pajear as crianças — ela mesma se gabava da preferência, não aceitava trabalho de cozinha, nem de copa, que a prenderiam muito tempo em casa. Com as crianças, que ela tratava com carinho, tinha oportunidade de freqüentar festas de aniversário, ir aos clubes, dar seu passeio no jardim próximo duas vezes por dia, de manhã e de tarde, e de tal forma conquistava a criançada, com suas estórias e promessas e mentiras que menino com ela se recolhia cedo — não havia televisão que funcionasse melhor do que o seu “charme” envolvente. Tudo com o pensamento no namorado. E o que lhe faltava em responsabilidade para os trabalhos externos, demorando sempre infinitamente nas saídas, sobrava-lhe em zelo e eficiência na hora de deitar seus pajeados.

Um dia ameaçou abandonar o emprego, transferir-se de casa, que o jantar estava saindo muito tarde, atrasando tudo, e o moço Raimundo, que era então seu *scort*, como se diz em linguagem de crônica social, já decretara que, com mais duas chegadas atrasadas, desistiria. Que não estava pra ficar subordinado a branco até nos namoros.

As coisas se arranjaram e Marlene ficou: já comprou seu sonhado rádio, uma eletrola e os patrões suspeitam que, com as economias e as gorjetas generosas, qual-quer dia destes vai aparecer dirigindo um fusca. Já andou falando que viu um de segunda mão, muito baratinho.

Quando a moça, irmã da dona da casa, resolveu ser freira, correu na família uma onda de santidade: ficaram todos muito comovidos com a corajosa decisão. E Marlene entrou na faixa religiosa, cumpriu também sua crise mística. Um dia, inesperadamente, comentou para a senhora avó, que tinha uma inveja infinita de quem se dis-

punha a servir a Deus, abandonando tudo. E muito cavilosamente declarou:

— Eu só queria que Nosso Senhor me chamasse para uma ordem religiosa.

Ao que a senhora avó, muito franca, retrucou:

— Tu és doida, Marlene? Com este namoro que tu tens com o Raimundo, toda noite, ali no portão escuro?

E Marlene, muito segura de si:

— Que é que tem? Eu não deixo ele pegar em certas partes...